

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 034 01/09/2008 - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (01/09/08)**GRÃOS** (Preço líquido pago ao produtor)Feijão Carioca¹ - R\$ 150,00 - 160,00 / sc de 60 kgMilho² - R\$ 22,00 / sc de 60 kgSoja² - R\$ 43,50 / sc de 60 kg**HORTALIÇAS**³ (Preço líquido pago ao produtor)

Alface - R\$ 4,00 / cx de 7 kg

Beterraba - R\$ 11,00/ cx 20 kg

Cenoura - R\$ 16,00 / cx 20 kg

Chuchu - R\$ 20,00 / cx 20 kg

Couve Manteiga - R\$ 0,40 / (maço 500 g)

Couve Flor - R\$ 15,00 / Dz

Mandioca - R\$ 12,00 / cx 20 kg

Morango - R\$ 3,00 / caixa (04 cumbucas de 350 g)

Pimentão - Campo R\$ 8,00; Estufa R\$ 10,00 / cx 12 kg

Quiabo - R\$ 27,00 / cx 12 a 14 kg

Repolho - R\$ 7,00 / sc 20 kg

Tomate - R\$ 18,00 / cx 20 kg

FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)

Goiaba - R\$ 32,00/ cx 20 kg

Maracujá - R\$ 1,20 / kg

Tangerina Ponkan - R\$ 14,00 / cx 20 kg

Limão - R\$ 25,00 / cx 20 kg

PECUÁRIA**Bovino**Arroba⁴ - R\$ 82,00 **Não Rastreado** e R\$ xxx **Rastreado**Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou aneloreados)⁵
- R\$ 580,00 a 600,00**Leite**Litro⁶ - Latão: R\$ --- ; Tanque: R\$ 0,65**Suíno**⁷ - Vivo

Kg - R\$ 3,30

Aves⁷ - Frango Vivo

Kg - R\$ 1,85

-- Galinha Caipira⁸

Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 18,00

Carneiro⁹Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha
e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80**Peixe**¹⁰ (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)

Kg - R\$ 2,60

Avestruz¹¹ - vivo

Kg - R\$ 3,00

Recortes**Bayer CropScience alerta para as perdas de grãos na pós-colheita**

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e pela FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), as perdas médias da produção, no estágio de armazenamento, somam um total de 10% do total produzido anualmente. Isso representa cerca de 10 milhões de toneladas de grãos/ano. Além disso, existem as perdas em qualidade, que comprometem o uso do grão produzido, ou o qualificam para outro uso menos importante e de menor valor agregado.

Prejuízos causados por pragas em depósitos, presença de fragmentos de insetos, degradação da massa de grãos, contaminação por fungos, efeitos na saúde humana e animal e entraves para exportação de produtos em razão do potencial de risco, são alguns dos problemas que a armazenagem imprópria de grãos poderia causar na economia nacional.

O mercado está cada vez mais rigoroso com os padrões de qualidade. Uma das soluções para o problema de perdas de qualidade ocasionadas por pragas em armazéns é a utilização sistemática do manejo integrado, que consiste em tratamento preventivo, com base no preparo dos armazéns para receber os grãos. Muitas pragas como ratos e insetos se reproduzem nos farelos e restos de grãos, ocasionando prejuízos que podem facilmente ser evitados por meio de processos de higienização.

Fonte: Agrolink**CNA projeta PIB de R\$ 611,5 bilhões para agronegócio em 2008**

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio deve somar R\$ 611,5 bilhões em 2008, crescimento de 4,96% ante R\$ 582,6 bilhões no ano passado. A previsão leva em conta o crescimento de 5,96% do PIB do setor acumulado nos cinco primeiros meses do ano. Os números foram divulgados, pelo superintendente técnico da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Ricardo Cotta.

Fonte: Estadão**Prazo mais curto para quitar as dívidas**

Os produtores rurais terão um prazo mais curto para quitar as parcelas dos empréstimos de custeio das lavouras a partir desta safra (2008/09). Voto aprovado pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) estabelece que os produtores terão apenas dois meses para devolver os empréstimos aos bancos após a colheita - extinguindo-se o chamado custeio alongado. Antes, o prazo podia chegar a até 90 dias em média, para o pagamento do débito. E, no máximo, os produtores podiam levar até cinco meses para devolver os recursos aos bancos. Isso mostra que o governo certamente decidiu apertar o cerco para os produtores rurais depois de permitir a renegociação de débitos em cifras bilionárias, de R\$ 75 bilhões neste ano.

Fonte: Gazeta Mercantil

Agronegócio sem educação?

Cláudio de Moura Castro é economista (claudio&moura&castro@cmcastro.com.br)

Repetem-se as proezas do agronegócio brasileiro. O país faz bonito na soja, nos sucos, na carne, no frango e em outros produtos resultantes do feliz encontro entre sol, água, inovação tecnológica e capacidade empresarial. A equação contém os ingredientes do sucesso. Sol e água creditamos à generosidade divina. Na tecnologia, bem conhecemos a liderança da Embrapa, que traz a reboque muita pesquisa universitária. O empresariado rural foi uma surpresa. Persiste a imagem do coronel do interior, herdeiro de um feudalismo atrasado. Era um empresário ausente do campo e presente nas grandes capitais, onde esbanjava suas riquezas. De onde veio essa nova classe empresarial moderna, arrojada e pragmática?

A história ainda não está bem contada. Quem sabe o mapa do Brasil daria algumas respostas? Pedi a um agrônomo que me marcasse com pontinhos no mapa onde estava situado o agronegócio. Em seguida, tomei os níveis que cada estado obteve no Ideb (um indicador do MEC que combina a velocidade de avanço dos alunos no sistema com a pontuação obtida na Prova Brasil). Dividi os estados em quatro categorias. Em seguida, superpus um mapa ao outro. Pude ver, simultaneamente, a distribuição do agronegócio e o nível de avanço da educação. Surpresa! O agronegócio só viceja nos estados que estão na metade de cima da qualidade da educação. Seja qual for a razão, ele não gosta de estados com gente pouco educada.

Vamos entender melhor o lado da educação. A liderança dos estados do Centro-Sul é centenária. Mas o Centro-Oeste deu um salto enorme, ultrapassando velozmente o Norte e o Nordeste. A razão é simples: foi colonizado por migrantes do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, tradicionalmente os estados com os melhores níveis de escolaridade. Ao migrar para os cerrados do Centro-Oeste, essa gente reproduziu lá seu estilo de vida. No interior de Goiás deparei com um negro trajando bombachas. Vinha do Rio Grande do Sul, tchê! Como levaram as bombachas, os gaúchos também carregaram para lá as escolas e a infra-estrutura de água e esgoto tratados. O mapa, contudo, mostra algumas bolinhas avançando sobre estados educacionalmente mais pobres do Norte e do Nordeste. Mas são microrregiões colonizadas pelos fluxos migratórios sulinos, avançando no território do oeste da Bahia, sul do Piauí e do Pará.

As aparentes exceções não fazem senão confirmar o que indica o mapa: o agronegócio não se localizou onde a educação é fraca. Poderíamos pensar que a Embrapa estaria a serviço de um capitalismo sulino, furtando-se de investir no que precisariam o Norte e o Nordeste para dar igual salto. A teoria parece boa. Mas não é. A Embrapa tem enormes investimentos em produtos para toda a geografia nacional. Ainda assim, seus grandes clientes se encontram no agronegócio. Ao se registrar a forte aderência do agronegócio às regiões habitadas por gente mais bem educada, nota-se, também, pistas para o enigma do aparecimento de um empresariado moderno no campo. Ao que tudo indica, seu surgimento está ainda associado aos níveis superiores de educação e modernidade do Centro-Sul e às ondas de colonização vindas de lá. Por serem mais bem educados e possuírem uma cultura empresarial, eles entendem de mercado e apropriam-se das melhores tecnologias. No fim dos anos 70, numa visita a Ijuí, eu discutia educação rural com as lideranças de uma cooperativa agrícola. Eu falava de escolas com galinhas circulando pelas salas de aula e não nos entendíamos. Finalmente, eu vi que estava fora de seu universo. A preocupação delas era conseguir que as instituições de ensino da região preparassem seus alunos para entender a bolsa de cereais de Chicago, já on-line na cooperativa. São esses os responsáveis pelo crescimento da soja no Centro-Oeste.

O que aprendemos com o mapa citado no presente ensaio? Podemos discutir se as escolas são fruto da prosperidade ou se ajudam a trazê-la. Podemos entrar no campo pantanoso das relações entre educação e traços culturais. Mas, no mínimo, ficamos sabendo que o agronegócio só vinga onde há ou aparece gente mais bem educada.

Fonte: Veja